

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15323 - Resumo Expandido - Trabalho - 5ª Reunião Científica Regional da ANPEd Norte (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 24 - Arte, Educação, Linguagens e Tecnologias

NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA NO CONTEXTO AMAZÔNICO: MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA SURDA

Sarah Brito de Castro - UEA-PPGED- Universidade do Estado do Amazonas

## **NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA NO CONTEXTO AMAZÔNICO: MEMÓRIA DE UMA PROFESSORA SURDA**

### **RESUMO**

No Brasil, a educação de surdos tem ganhado avanços e enfrentado desafios nos últimos anos. Estes podem ser potencializados quando se trata da educação para essas pessoas na amazônia. Sendo assim, a pesquisa tem como objetivo principal fazer uma análise do contexto educacional para surdos no Estado do Amazonas à luz da autobiografia de uma professora surda. É importante ressaltar que este trabalho é um recorte da pesquisa de mestrado desenvolvida pela autora e que está em andamento. Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa e pesquisa narrativa autobiográfica. O *corpus* é composto por um vídeo de domínio público do Youtube da própria pesquisadora. Para isso foram utilizados os estudos sobre Línguas de Sinais e Educação de Surdos de Quadros (2003; 2004), Nascimento (2006), Strobel (2015) e outros, também utilizou-se autores sobre a narrativa autobiográfica de Passeggi, Vicentini e Souza (2013), Passeggi e Souza (2017) entre outros. Os resultados parciais apontam que as experiências vividas pelos próprios surdos são necessárias para mudanças e reflexões no ambiente educacional como um todo. Além disso, faz-se necessária a formação de professores bilíngues, bem como (re)estruturaração de escolas específicas para surdos que contribuam, de fato, com o processo de ensino e aprendizagem desses alunos.

**Palavras-chave:** Mulher surda. Autobiografia. Educação de surdos.

### **INTRODUÇÃO**

A narrativa e o narrar-se são processos que podem contribuir significativamente para mudanças de práticas sociais em contextos diversos, principalmente na educação.

Nessa esfera se encontram também os sujeitos surdos, que por possuírem uma cultura visual e espacial que se distingue da cultura majoritária, a ouvinte, se constituem linguisticamente com base em uma língua visuoespacial. O narrar de si a partir das experiências dos próprios membros da comunidade surda é parte fundamental para pensar em uma educação inclusiva de fato. Diante desse cenário, cabe-nos a seguinte reflexão: como os surdos percebem o seu processo de escolarização no contexto amazonense?

Para responder a essa pergunta foi traçado o seguinte objetivo geral: analisar a realidade educacional para surdos a partir da narrativa autobiográfica de uma professora surda parintinense. Como objetivos específicos: conhecer os

aspectos culturais e identitários das pessoas surdas; fazer um levantamento dos modelos educacionais e legislações para surdos e; compreender a autobiografia como uma abordagem teórica capaz de provocar reflexões e mudanças de práticas sociais na educação de surdos.

A justificativa para a escolha dessa temática se dá, primeiramente, pelo fato de que minha trajetória de vida pessoal é como uma mulher surda, professora e a primeira mestranda surda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Nascida no interior do Amazonas, na cidade de Parintins, em uma família de pessoas ouvintes, a oitava e única filha surda de um pescador e uma dona de casa.

A segunda justificativa se baseia no fato de que sou aluna do mestrado em educação, como já foi mencionado, e essa pesquisa é um recorte da pesquisa da minha dissertação.

A importância dessa pesquisa se dá pelo fato de que os surdos se constituem como uma comunidade linguística garantida, inclusive, na constituição brasileira. O parágrafo único do Artigo 1º da Lei Nº 10.436 de 24 de abril de 2002 explica que:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (Brasil, 2002)

Com base nesse documento, a língua dos surdos brasileiros, a Língua Brasileira de Sinais, é dotada de todo o sistema linguístico necessário para que seja reconhecida como tal. Isso quer dizer que a Libras possui fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática.

Também o Art. 2º do Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005 conceitua: “[...] considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras (Brasil, 2005).” Este artigo do decreto concebe as pessoas surdas como aquelas que, por terem perda auditiva, são usuárias da língua de sinais e possui uma identidade marcada pelos padrões da cultura surda.

Isso explica o porquê de, nesse trabalho, não utilizarmos o termo “deficiente auditivo”, pois este pertence a uma ideologia clínica que busca sempre a área da saúde com o objetivo de reabilitação, como o uso de próteses auditivas, implantes e terapias fonoaudiológicas. Isso implica também na comunicação, visto que os deficientes auditivos se comunicam por meio da Língua Portuguesa falada ou escrita.

Sendo assim, atendo-me aos surdos, vale a pena dizer que a cultura surda é o que vai embasar todo o processo de construção subjetiva desse sujeito. Strobel (2015, p. 23) afirma que:

[...] a cultura é uma ferramenta de transformação, de percepção, da forma de ver diferente, não mais de homogeneidade, mas de vida social constitutiva de jeitos de ser, de fazer, de compreender e de explicar. Essa nova marca cultural transporta para uma sensação a cultura grupal, ou seja, como ela diferencia os grupos, no que faz emergir a “diferença”.

Conforme a citação supracitada, a cultura surda não está associada ao conceito de cultura nacional, mas ao conceito de pertencimento a um determinado grupo, o que traz à tona a diferença entre surdos e não surdos. Então, podemos dizer que cultura é a alma do surdo, é a forma como ele atribui sentido à sua existência.

Esse novo olhar sobre cultura no contexto do povo surdo impacta diretamente nos modelos educacionais para essas pessoas. Historicamente a educação de surdos foi marcada por diversos atravessamentos de concepções. Por exemplo, o modelo de educação oralista que impunha a língua e o modo de vida ouvinte ao surdo; a educação bimodal que tanto a língua oral quanto os sinais eram realizadas simultaneamente e, por fim, a educação bilíngue que garante que os alunos surdos tenham como primeira língua a língua de sinais e a língua oral como segunda língua, na modalidade escrita (Santos, 2017).

Pensar a educação de surdos tendo como princípio a valorização de sua cultura e de sua língua significa a necessidade de levar em consideração o modo de vida, as experiências e as necessidades demandadas pelos próprios sujeitos surdos.

Nesse sentido, entendemos como muito relevante para essa pesquisa a utilização da pesquisa narrativa autobiográfica. Passeggi e Souza (2017, p. 11) explicitam que:

As narrativas propõem uma nova episteme, um novo tipo de conhecimento, que emerge não na busca de uma verdade, mas de uma reflexão sobre a experiência narrada, assegurando um novo posicionamento político em ciência, que implicam princípios e métodos legitimadores da palavra do sujeito social, valorizadores de sua capacidade de reflexão, em todas as idades, independentemente do gênero, etnia, cor, profissão, posição social, entre outras opções.

Assim, além de “o narrar” fazer parte da história da humanidade, pode se apresentar como um poderoso instrumento que, por meio das vivências e histórias, propõe uma nova forma de pensar, inclusive, em ciência. Garante que novos

olhares sobre educação, política etc. sejam refletidos e impactem diretamente em mudanças de práticas segregadoras.

No contexto da pesquisa, as vivências da pesquisadora como mulher surda no contexto amazonense, principalmente na realidade de Parintins, pode contribuir para que novos olhares possam ser lançados sobre a educação de surdos em nosso Estado.

O Amazonas apresenta muitos desafios para os alunos surdos, seja na distância dos municípios da capital, distancia dos grandes centros brasileiros, dificuldade de acesso à conexão de internet ainda, sendo necessário um (re)pensar nas práticas pedagógicas e (re)elaboração dos currículos escolares.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A metodologia enquanto busca de aproximação com a realidade se manifesta de diferentes maneiras e é importante para a compreensão dos fatos que pretendemos investigar.

Dessa forma, trata-se de uma abordagem qualitativa da vida cotidiana que agrupa conceitos e contextos que foram observados, vivenciados e analisados durante o processo de pesquisa, pois se baseia na minha própria experiência como pesquisadora dsurda.

Quanto ao tipo de pesquisa, adotamos a pesquisa narrativa (auto)biográfica. De acordo com Passeggi (2016, p. 10), a autobiografia “[...] interessa-se pelos processos de individuação e de socialização dos seres humanos, interrogando-se sobre como nos tornamos quem somos.”

O corpus é composto por um vídeo disponível no YouTube ([https://www.youtube.com/watch?feature=shared&v=sHlv\\_JjFS\\_A](https://www.youtube.com/watch?feature=shared&v=sHlv_JjFS_A)) intitulado “A trajetória de uma mulher surda parintinense”. O vídeo está publicado em língua de sinais. Como minha primeira língua é Libras, foi solicitado a um tradutor da Universidade do Estado do Amazonas para que fizesse a tradução do vídeo para a Língua Portuguesa escrita. Com esse material traduzido, iniciaremos a análise dos dados, a qual terá como teoria a Análise de Conteúdo, a partir da definição das categorias de análise.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O processo de escolarização que a comunidade surda passa é marcado por concepções e barreiras por causa de sua diferença linguística. Dessa forma, com esse trabalho espera-se que novos olhares sejam voltados para essa modalidade no contexto do Estado do Amazonas.

Isso é possível pelo respeito e pelo protagonismo que se tem da história narrada pelos próprios sujeitos surdos. Ao pensar sobre essa educação em nosso Estado, há que se levar em consideração todas as vivências enfrentadas pelos próprios atores, no caso em questão, eu como mulher, como surda e como parintinense.

Meu processo subjetivo se dá nesses contextos, nessas curvas de rios, no boi-bumbá caprichoso e não há como desconectar essas vivências amazônicas do processo educacional.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. LEI Nº 10436 de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: [https://planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](https://planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm). Acesso em: 30 maio 2024.

BRASIL. Decreto Lei de Libras nº 5.626 de 2005. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm). Acesso em: 31 maio 2024.

PASSEGGI, Maria da Conceição. SOUZA, Elizeu Clementino. O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. **Investigación Cualitativa**, 2(1), 2017, p. 6-26. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/317673701\\_O\\_Movimento\\_AutoBiografico\\_n](https://www.researchgate.net/publication/317673701_O_Movimento_AutoBiografico_n). Acesso em: 02 jun. 2024.

QUADROS, Ronice Müller de. KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 3. ed. rev. Florianópolis: Ed da UFSC, 2015.

SANTOS, Marcos Roberto dos. **Educação de surdos: o discurso da inclusão educacional produzido por surdos e ouvintes**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado Amazonas. Manaus, 2017. Disponível em: <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/1940>. Acesso em: 03 jun. 2024.